

Para pensarmos II

Lendo as últimas trocas, senti necessidade de fazer um contra-ponto e lembrei de Perrenoud que mostra o quanto nós e a escola somos contraditórios.

Perrenoud diz:

(...) as novas doutrinas pedagógicas destacam a necessidade de escutar a criança, a liberação da palavra, o desenvolvimento da capacidade de expressão, mas, ao mesmo tempo, exige-se que o professor mantenha a ordem e a segurança; garanta o silêncio e a disciplina de seus alunos, quando eles se deslocam pelo prédio; autorize apenas atividades ligadas ao plano de estudos na sala de aula; não deixe seus alunos saírem sem autorização e sem precauções.

Este autor nos alerta de que vivemos em conflito porque vemos a autoridade como um mal necessário que previne o risco. Além disso, vivemos dentro de prazos impostos, sabemos que o ano letivo é curto, que não se recupera o tempo perdido, que não existem milagres e que os nossos colegas das séries seguintes esperam que os alunos cumpram com o programa da série anterior.

Agir de forma diferenciada, como animador do grupo de alunos, como desafiador, requer tempo para discutir, para acatar interesses, desejos e propostas, esperar que haja condições de trabalho e cooperação, fazer negociações, no mais das vezes, demoradas.

Assim, tomar partido por esta forma de trabalho significa renunciar a se impor autoritariamente, significa fazer uma aposta otimista, confiar nas crianças, em si mesmo, no grupo e isso provoca angústia e, para além de certo limite, pode ser difícil de suportar.

Para alguns professores, uma sala de aula baseada na cooperação não passa de um sonho e por isso não se arriscam a dar a palavra às crianças, a organizar as atividades partindo de suas necessidades e interesses, a responder à diversidade das pessoas, através da diversidade das atividades. Outros, trilharão este caminho com paradas e retrocessos pelo temor de não cumprir prazos.

Sabemos que a pedagogia autoritária aumenta a distância entre a escola e as crianças que foram menos preparadas por seu meio para dar sentido ao trabalho escolar e com ele construir um saber que garantirá seu futuro. No entanto, paradoxalmente, os pais das classes populares, justamente pelo tipo de relação com o autoritarismo a que são submetidos, tendem a interpretar a vontade de escutar a criança, de debater com elas, como falta de firmeza.

Além destes aspectos, o professor, que se dispõe a trabalhar desta forma, é "obrigado" a buscar a interação e a construir uma relação, o mais positiva possível, mesmo com os alunos que o desconcertam, decepcionam, incomodam ou, simplesmente, com os quais não tem nenhuma afinidade. Deve buscar diminuir a distância existente entre ele e algumas crianças apesar das rejeições, dos juízos de valor, dos rótulos desqualificadores, das diferenças não aceitas que tornam a comunicação difícil e a relação conflituosa,

O professor tem um projeto, uma meta e espera do aluno disciplina, trabalho, atenção, esforço e aprendizagem. Estas expectativas criam uma tensão potencial, que se atualiza cada vez que o aluno resiste e não as satisfaz.

Para a criança é difícil ter uma relação positiva com alguém que a julga soberanamente, em todos os âmbitos, principalmente quando o juízo é desfavorável, mesmo que justificado.

Por outro lado, não é fácil para o professor ter uma atitude positiva com uma criança que não sabe quase nada, não se esforça e assume o papel de mau aluno.

A complexidade das tarefas do professor, a diversidade das pessoas e das atividades, a quantidade de tarefas das quais o professor deve encarregar-se ao mesmo tempo, tornam o ensino uma tarefa cansativa,

estressante, que exige decisões rápidas, sem muito tempo para refletir.

O professor precisa animar o grupo, organizar o trabalho coletivo, responder a muitas solicitações individuais, manter a ordem sem perder o fio do discurso, permitir que todos se expressem e desabrochem, mas sempre seguindo o "programa", favorecendo a autonomia, mas limitando os excessos.

Perrenoud alerta que as idéias acerca de um novo fazer pedagógico, sem dúvida importantes, no mais das vezes são difundidas e aceitas por alguns professores porque estão na moda, porque definem uma pedagogia ideal que alia a competência intelectual à valores como equilíbrio, desenvolvimento, respeito ao outro e a si mesmo, cooperação, autonomia, democracia, enfim, felicidade. No entanto, grande parte destes professores sequer leram os textos fundadores destas idéias, muitos deles inspiram-se em seus princípios e procedimentos, mas não fazem parte de uma rede informal ou de uma equipe pedagógica, não se filiam a um movimento organizado, não participam de grupos de estudos.

Adotar uma pedagogia diferenciada significa desaprender, "desconstruir", ultrapassar as práticas antigas para mudar. Isso não pode ser feito de uma forma inconsciente, com rejeição ou esquecimento, mas com integração do passado e com as novas perspectivas; com análise das resistências que temos, dos lutos necessários e dos paradoxos inevitáveis: é necessário seguir um caminho compartilhado, que permita a cada um situar-se, identificar seus próprios bloqueios e contradições como obstáculos totalmente normais, que não podem ser superados por meio de sua negação.

Será que é preciso jogar pedras nos professores, culpá-los de não saber aproveitar imediatamente a ocasião histórica de dar um grande salto adiante?

Não seria melhor aceitar a imensa dificuldade da tarefa, compreender que ela envolve uma mudança do ofício e do funcionamento das escolas? Que só é possível combatermos ou defendermos eficazmente o que compreendemos?

Que caminhos podemos trilhar?

- Continuar e ampliar a pesquisa fundamental sobre as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar;
- difundir os saberes acumulados na formação inicial e continuada dos professores;
- levar em conta os saberes no momento de conceber e aplicar políticas educacionais;
- mudar nossa relação com os colegas de trabalho e equipe diretiva - agindo realmente em conjunto, constituindo um sistema de ação coletivo e
- mudar nossa relação com a mudança.

O que acham?

[Abra@os](#), Iris

Referência:

Perrenoud, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças**. Porto Alegre: ArtMed. 2ª edição, 2001.